

Cargas de cavalaria: como eram?

Marcelo Oliveira Lopes Serrano*



Figura 1 – Marechal Ney liderando carga da cavalaria francesa em Waterloo

Fonte: books.google.com¹

Certamente, não como se costuma ver nas comemorações no Parque Osório! Na realidade, praticamente perdemos, no Exército, a memória de como elas eram executadas. E a curiosidade de saber como ocorriam sempre me animou, mas quase nada encontrei nos quatro ou cinco livros (de memórias, quase todos) da literatura militar brasileira que li em busca de alguma informação. Dionísio Cerqueira, em suas magníficas *Reminiscências da Guerra do Paraguai*, faz sucinta referência a elas ao descrever a Batalha do Avaí:

De repente, os batalhões inimigos manobram rápidos e formaram quadrados. Por que essa manobra? Não víamos cavalaria perto. [...] Surgiram, em seguida, como por encanto, nas faldas das colinas, pela direita e pela esquerda, além do arroio, onde pelejavam no alto os quadrados escalonados, os nossos belos regimentos rio-

-grandenses, de lanças perfiladas e as bandeiras vermelhas e brancas tremulando, como que indicando o caminho da vitória. Ouvimos o som *vermelho* dos clarins e todas aquelas lâminas rutilantes se abaixaram e as bandeiras se sumiram. Era a carga. As imensas colunas aproximavam-se, cerradas e rápidas.

O visconde de Taunay, em suas Memórias, narra brevemente a carga realizada nas ruas de Peribeubuí, já no final da Guerra do Paraguai, mas, além de não nos propiciar detalhes elucidativos, ele mesmo diz que foi

a mais singular e mal pensada carga de cavalaria que imaginar-se pode. [...] Houve um grito: “Carregue a cavalaria”, e por diante de mim passou, como um turbilhão, um regimento inteiro a galope.

O cavalo dele disparou por conta própria atrás dos outros, e Taunay, um oficial de engenharia, participou involuntariamente da carga, “a comando” como se diz na cavalaria, esforçando-se para se manter na sela. O livro de autoria do general Câmara, o visconde de Pelotas, e a biografia do general Osório, escrita por seu filho, nada esclareceram.

Em razão disso, procurei em fontes estrangeiras o conhecimento de como eram as cargas nos grandes exércitos europeus, em especial, na primeira metade do século XIX. Tomarei por base principalmente um manual de cavalaria francês dos tempos das guerras napoleônicas

* Cel Cav R/1 (AMAN/77, EsAO/86, ECEME/93).

e apontarei algumas diferenças em relação ao britânico da mesma época, pois ambos se assemelhavam em geral. Após apresentar como as cargas eram conduzidas nos tempos napoleônicos, vou comparar com o modelo brasileiro, pois o manual de cavalaria que provavelmente viveu na maior parte do século XIX no Brasil foi elaborado pelo general Beresford, inglês que comandou o exército de Portugal durante a Guerra Peninsular contra as tropas de Napoleão. Há um exemplar (o único, pelo que me consta) desse manual, uma adaptação do manual inglês, na biblioteca da BIBLIEx.

O manual francês que consultei, *Ordonnance Provisoire sur l'Exercice et le Manouvres de Cavalerie*, do ano XIII (1805 segundo o calendário adotado durante a Revolução Francesa),² é muito minucioso e abrangente, tratando desde os aspectos básicos da instrução do cavaleiro e do cavalo até as manobras mais complexas no campo de batalha (o duque de Wellington, o vencedor de Waterloo, dizia que os ingleses eram melhores cavaleiros, mas que a cavalaria francesa era mais bem organizada).

Manobra, segundo o manual, era qualquer movimento efetuado para mudar a postura ou o movimento da tropa, ou seja, qualquer mudança de formação ou de direção, necessárias para desdobrá-la adequadamente em face das exigências do campo da batalha. Estavam previstos e detalhados todos os movimentos para uma tropa de cavalaria evoluir e manobrar com ordem e eficiência (os conhecidos carrosséis nada mais são que uma representação festiva e artística de tais movimentos). No entanto, o foco quase exclusivo do manual, assim como o do inglês, estava no “como” executar os movimentos, sem muito explicar o “por quê” e nem recomendar o “quando”; decerto se devia considerar, na época, que tais discernimentos cabiam

ao tirocínio e à acuidade tática dos comandantes em batalha. Ou seja, os movimentos não eram tratados em um contexto tático.

Não se considerava a carga propriamente uma manobra, e sim uma marcha direta impetuosa, cujo ponto de direção era o inimigo, pois seguia os princípios básicos desta, em particular, os procedimentos para definir e preservar o alinhamento e a direção do movimento.

A peça básica de manobra (no sentido moderno) era o esquadrão, mas o regimento, de modo geral, era o menor escalão a poder realizar a carga independentemente. Um regimento de cavalaria possuía oito companhias. Duas companhias, transformadas em divisões, formavam um esquadrão, e cada divisão dividia-se em dois pelotões. Um regimento francês, por conseguinte, possuía quatro esquadrões. As divisões e os pelotões eram úteis principalmente para o esquadrão fracionar-se nos deslocamentos e na execução das manobras mais complexas sem perder a coesão. O esquadrão podia também destacar um pelotão como volteador, para se desdobrar em ordem dispersa à sua frente ou nos flancos. A companhia tinha, portanto, caráter administrativo, enquanto o esquadrão, a divisão e o pelotão eram organizações operacionais. Os regimentos ingleses possuíam dois, três ou mais esquadrões. Chamava-se “linha” a formação de carga de dois ou mais regimentos.

O regimento marchava e se articulava no campo de batalha em várias formações, mas combatia com seus esquadrões formados em batalha. Ele podia se deslocar em coluna de marcha, em fileiras de dois ou de quatro; em coluna aberta, com as divisões ou pelotões encolumnados; e em coluna cerrada, com os esquadrões em batalha a dez metros um atrás do outro.

O esquadrão formava em batalha com os quatro pelotões em linha, cada um em duas

fileiras, num total de 48 cavaleiros por fileira, podendo chegar a 64, o que conferia ao esquadrão o efetivo de 96 a 128 cavaleiros e lhe dava a frente de 37/38 metros. Um cavaleiro da primeira fileira e o que o cobria na segunda compunham uma fila. Uma vez estabelecida a ordem que as divisões e pelotões ocupavam em um esquadrão em batalha, ela não se alterava mais, e cada pelotão passava a assumir sempre a mesma posição relativa. Os cavaleiros maiores, mais inteligentes e melhores eram posicionados preferencialmente na primeira fileira, assim como os cavalos mais altos, e procurava-se colocar nas alas dos pelotões os cavalos mais ágeis e mais adestrados nas manobras. A distância entre as fileiras era da ordem de um metro, e os cavaleiros mantinham contato bota com bota nas fileiras. O manual inglês, *Instructions and Regulations for the Formations and Movements of the Cavalry*, de 1799,³ previa a distância de seis polegadas entre as botas e não recomendava a redução dessa distância durante a carga, para não aumentar os intervalos entre a linha e para dar mais liberdade ao galope dos cavalos.

A carga podia ser executada de três modos: em linha (não confundir com a linha de regimentos), por escalões ou em coluna. Em linha, os quatro esquadrões em batalha carregavam um ao lado do outro ao mesmo tempo. Por escalões, o emprego deles se dava em sequência a critério do comandante. Em coluna, os esquadrões carregavam sucessivamente um atrás do outro. Excetuando o comandante do regimento, que podia carregar à frente do esquadrão que julgasse mais importante no combate, o posicionamento dos demais oficiais e graduados com funções específicas era rigidamente definido.

A carga tinha início com a determinação do local exato a atacar e, por conseguinte, da direção a manter durante a aproximação. O co-

mandante do regimento definia um ponto básico e uma linha onde o regimento deveria se formar em batalha e de onde iniciaria a ação. Os sargentos-majores de cada esquadrão, os guias, após receberem as orientações, posicionavam-se no ponto a partir do qual as fileiras se formariam, à esquerda ou à direita dele (dependendo da posição do ponto-base, mas normalmente à esquerda). Nas marchas diretas, eles cavalgavam em direção a pontos nítidos, escolhidos para balizar a direção a seguir e, nas cargas, orientavam-se pela posição exata do inimigo a ser atacada. Adotava-se o seguinte procedimento para não haver desvio de direção e tampouco esgarçamento da formação: o cavaleiro imediatamente à esquerda do guia (ou direita) deveria manter ligeiro contato de sua bota com a do sargento-major, mas sem exercer pressão para o lado, se isso ocorresse, o sargento-major deveria resistir à pressão, e assim sucessivamente ao longo de toda a fileira até o último cavaleiro do lado oposto. Os graduados, no entanto, deviam preocupar-se também com o alinhamento entre eles a fim de conservar o alinhamento de toda a formação e, por isso, não eram tão rigidamente sujeitos ao alinhamento individual.

A marcha direta de aproximação começava normalmente ao passo; assim que o comandante do regimento julgasse que a distância até o inimigo fosse adequada para a carga — não longe demais para não cansar os cavalos e nem perto demais para não se alcançar o ímpeto necessário —, ele emitia o alerta de carga, ordenava desembainhar sabres e trote; cento e cinquenta passos adiante, ele ordenava o galope e, cem passos depois, mandava os clarins tocarem a carga. A partir desse momento, os cavaleiros alongavam o galope e erguiam-se nos estribos, mas evitando perder o alinhamento e a coesão. O manual recomendava que a primeira fileira

apontasse os sabres para frente, em condições de estocar, tirando o melhor proveito da proteção oferecida pela cabeça do cavalo, e a segunda os mantivesse acima da cabeça, para golpear. Os ingleses passavam do trote ao galope a cerca de 250 jardas do inimigo e ordenavam a carga a 80 jardas, mas se mantinham sentados na sela. O manual inglês afirmava que o efeito da carga consistia na velocidade uniforme do esquadrão, e tanto a espora quanto o sabre tendiam a superar a oposição inimiga: “quando uma quase terminava sua tarefa, o outro a completava”. Antoine Fortuné de Brack, comandante de um regimento de caçadores de Napoleão, confirmando a afirmação de manuais serem uma trilha e não um trilho, considerava que quanto mais tarde se desembainhasse o sabre, melhor, pois o efeito moral respondia por três quartos do sucesso de uma carga. Segundo ele,

o cavaleiro que empunha o sabre por muito tempo perde o entusiasmo por sua arma, mas se esse cavaleiro o desembainhar ao comando vigoroso de seu chefe no momento mesmo em que deve usá-lo, ele o empunhará com mais força, com mais elã e golpeará com mais energia. O cavaleiro que carrega é um ser completo, movido por um sentimento que se assemelha à embriaguez: não enfraqueça esse sentimento tão presto, tão elevado; prolongando-o, produzindo-o parcialmente, você o matará! Empunhar seu sabre, espetar as esporas na ilharga de seu cavalo e golpear o inimigo deve constituir um todo.⁴

Os comandos do comandante do regimento — voz de advertência, voz de comando e voz de execução — eram sempre repetidos pelos comandantes de esquadrão a fim de assegurar que todos prestassem atenção, os ouvissem e os executassem ao mesmo tempo. Antes do toque de carga, por exemplo, haveria a voz de advertência

“*garde à vous*” (voz de atenção, que subsiste, com conotação alterada, no nosso atual “sentido” da ordem unida), a seguir, a voz de comando “*trot*” e, depois, “*galop*” e, após cada um desses dois comandos, a voz de execução “*marché*”. No nosso exército, restou a reminiscência dessa voz de execução no comando da ordem unida: “ordinário, *marche!*” Os ingleses comandavam “*march*”.

Os regimentos carregavam com mais frequência em coluna, com os esquadrões mantendo entre si uma distância equivalente ao dobro de sua frente, de modo que ao choque de um se seguisse imediatamente o de outro, a fim de não dar tempo à tropa inimiga de se recompor e sem muito risco de os esquadrões se amontoarem. Se, por qualquer motivo, não conseguisse romper as linhas inimigas, o esquadrão deveria escoar pelas laterais do que viesse em seguida, reorganizar-se novamente à retaguarda do último esquadrão e ficar em condições de renovar a carga; por conseguinte, deveria ser mantido o espaço lateral de dez metros entre os esquadrões e de quinze metros entre os regimentos. No manual inglês, a distância lateral entre os esquadrões era praticamente a mesma: um terço da frente do esquadrão.

Após a carga, a principal preocupação dos comandantes era recompor a coesão dos regimentos e esquadrões e, para tanto, era essencial reorganizá-los com rapidez, de modo a mantê-los em condições de enfrentar as evoluções seguintes do combate. Os esquadrões se reorganizavam em torno de seus estandartes. Tanto o manual inglês quanto o francês recomendavam que, a fim de preservar os animais, o comando de “alto” deveria ser gradativo: trote, passo e alto. O inglês, no entanto, acrescentava que, em exercícios, para mostrar a prontidão de cavalos e cavaleiros, podia-se dar a voz de alto a galope e com a pronta execução dos cavaleiros, acionando freio e bridão e jogando o corpo para trás, prática mantida pelos portugueses.

As *Instruções Provisórias para a Cavalleria*, do general Beresford, de 1810 (2ª Ed.),⁵ se-

guiram, como era de se esperar, o modelo inglês. Elas definiam as manobras fundamentais para que as tropas de cavalaria portuguesas se integrassem ao exército inglês de Wellington e lutassem contra as de Napoleão na Península Ibérica (anteriormente, o exército português era regido pelos regulamentos do conde de Lippe, de meados do século XVIII). As instruções recomendavam que o esquadrão seguisse em trote vivo até chegar a duzentos passos do inimigo e que, em seguida, passasse ao galope moderado, “que não possa estafar o *peior dos cavallos*”. A voz de “atacar” se dava a oitenta passos do inimigo. Assim como no manual inglês, as instruções estabeleciam que “levantar-se nos estribos e apontar a espada *he* muito *mão* costume, o qual faz que o movimento de linha seja irregular”. No ataque (carga), a mão da espada punha-se na altura do estômago, e o soldado fazia naturalmente os movimentos que fossem necessários.

Essas Instruções Provisórias resultaram no Regulamento para a Disciplina e Exercício dos Regimentos de Cavalaria, decretado por D. João VI em 1816 e que vigorou para o exército português e para o brasileiro, pelo menos oficialmente. Em Portugal, o regulamento foi publicado pela primeira vez em 1816, mas a versão que existe na BIBLIEx é de 1825. O regulamento é bastante detalhado. Sua primeira parte trata das diversas funções e respectivos encargos de um regimento de cavalaria, à semelhança de um RISG. A segunda parte aborda os vários movimentos para o regimento se deslocar e se desdobrar no campo de batalha, e os ilustra com boa quantidade de estampas explicativas. Como era a norma na época, duas companhias formavam um esquadrão, mas, incorporadas a ele, passavam a se chamar meios-esquadrões. Estes, por sua vez, dividiam-se em quartos ou divisões, que se subdividiam em oitavos ou subdivisões. À semelhança dos ingleses, os meios-esquadrões podiam ainda se repartir em fileiras de três na execução dos movimentos. Os regimentos possuíam dois, três ou mais esquadrões. No esquadrão

formado em batalha (também com 48 filas), ou a “dois de fundo”, segundo a terminologia empregada, o porta-estandarte se posicionava no meio da primeira fileira, coberto por um cabo, e os meios-esquadrões se dispunham de um lado e de outro; um sargento se posicionava à direita de cada quarto, exceto no da direita, também cobertos por cabos, e, nas extremidades da primeira fileira do esquadrão, postavam-se oficiais, cobertos por oficiais inferiores (subalternos?) ou cabos. O comandante do esquadrão se posicionava um corpo de cavalo à frente do porta-estandarte. O regulamento recomendava que o meio-esquadrão da direita devia formar por altura da esquerda para a direita e vice-versa para o outro meio-esquadrão, de modo que os maiores cavalos e cavaleiros ocupassem o centro do esquadrão. Da mesma forma que os ingleses, o alinhamento se fazia pelo centro, pela fila do porta-estandarte. Com relação à carga, o regulamento seguia as instruções provisórias e o manual inglês.

Já que falamos das cargas, convém desfazer um mito muito comum acerca do assunto, segundo o qual a espada curva era a arma típica da cavalaria. Essa é uma meia verdade, pois os cavalarianos se utilizavam tanto do sabre curvo quanto do reto, dependendo do tipo de regimento (observe-se que no famoso quadro de Pedro Américo, *O Grito do Ipiranga*, os cavaleiros da futura Guarda Imperial portam sabres retos). O curvo era empregado principalmente pela cavalaria ligeira, apta às ações de reconhecimento e de segurança, pois a lâmina curva, mais propícia aos golpes de talho, era mais prática nas escaramuças típicas dessas operações mais dispersas. O sabre reto adequava-se melhor ao emprego em batalha, já que sua longa lâmina retilínea servia melhor para as estocadas, mais usuais nas cargas, contra um inimigo postado à frente, e armava as unidades de cavalaria pesada. O centro de massa dos sabres curvos situava-se mais perto da ponta, para aumentar a força do golpe, ao passo que o do sabre reto situava-se

mais próximo do punho, para o cavaleiro ter mais firmeza na estocada com o braço esticado. Os ferimentos causados pelos dois tipos de sabres também eram diferentes; os golpes de lâmina produziam ferimentos horríveis, mas muito menos mortais que as estocadas, que faziam pequenas perfurações, mas penetravam fundo no corpo e quase sempre atingiam órgãos vitais.

Tratemos então dos vários tipos de cavalaria.⁶

Começemos pela pesada, “o punho de aço da arma”. Sua característica principal era o poder de choque, imprescindível nas batalhas. Compunham-na cavaleiros altos e fortes (um carabineiro francês precisava ter mais de 1,79m de altura e um “couraceiro”, mais de 1,73m⁷). Os cavalos também eram grandes e fortes, mas tinham desvantagem em termos de velocidade e de resistência, e eram mais sensíveis à quantidade e qualidade da forragem e das condições climáticas. A coesão e o controle eram os aspectos essenciais para superar o inimigo, e não a destreza em combates singulares. Ademais, por causa dos cavalos e do equipamento dos homens, a cavalaria pesada requeria elevado investimento financeiro. Os couraceiros contavam com a proteção de peitorais e capacetes de aço e luvas com longos e grossos canos de couro para proteger o antebraço (70% dos ferimentos ocorriam nessa parte do corpo no combate entre tropas de cavalaria), além disso, as caudas de crina dos capacetes forneciam proteção extra contra golpes na nuca e nas costas.

A cavalaria leve, “os olhos e os ouvidos dos exércitos”, dividia-se em vários tipos, ulanos (lanceiros), dragões e caçadores leves e hussardos. Ela mantinha-se sempre à frente do exército, em cobertura, nos flancos, protegendo-o de qualquer surpresa por parte do inimigo. Era empregada ainda na missão de forragear e na perseguição ao inimigo, mas também participava de ações de choque. Os homens da cavalaria ligeira eram pequenos (em torno de 1,6m,

hussardos e caçadores franceses), mas eram cavaleiros muito melhores e montavam cavalos também menores e mais ágeis. Segundo a observação de um oficial da época, um soldado da cavalaria ligeira precisava ser capaz de fazer rápidas curvas fechadas a galope e de erguer e de apanhar qualquer coisa do chão. Clausewitz afirmou que um cavalariano ligeiro possuía elevado espírito de iniciativa e autoconfiança, inimagináveis para quem lutava enquadrado, mas, por outro lado, em batalha, tinha mais respeito pelo perigo do que as tropas que lutavam habitualmente em ordem cerrada.

A cavalaria ligeira em geral, especialmente os hussardos, era menos disciplinada que a pesada. Os hussardos eram uma tropa de origem húngara (com o dólma característico), que logo se espalhou por todos os exércitos europeus. Tinham fama (que evidentemente alimentavam) de extrema ousadia e bravura em combate e, fora dele, de serem dados a badernas, bebedeiras e às mulheres. O ícone dos hussardos foi Antoine Charles Louis de Lasalle, o general hussardo, que lutou com brilhantismo nas guerras revolucionárias e napoleônicas e morreu na Batalha de Wagram, em 1809. Após uma noite de bebedeira, um amigo o repreendeu, “você está querendo se matar?”, e ele deu uma resposta que ficou famosa: “Meu amigo, um hussardo que não morrer por volta dos trinta anos é um patife”. Ele morreu aos trinta e quatro.

As tropas de cavalaria ligeira contavam com pouca proteção em relação às pesadas. As altas barretinas, além de aumentar a estatura, serviam para amortecer golpes contra a cabeça (20% dos ferimentos), e os cavaleiros costumavam enrolar os sobretudos e colocá-los em torno do corpo, em bandoleira, como proteção.

Os regimentos de dragões originaram-se no final do século XVII, como uma tropa armada com mosquetes (daí o nome, pois cuspiam fogo) e destinada a lutar a pé, mas dotada de grande mobilidade. Evoluíram com o tempo, passaram a ser armados com um tipo mais cur-

to de mosquete (o *mousqueton*, paradoxalmente no aumentativo em português: mosquetão) e se tornaram aptos ao combate a cavalo, mas não perderam a capacidade de apejar e de lutar a pé.

Falamos de sabres, falemos de lanças. Elas eram as armas tradicionais da cavalaria polonesa. Eram excelentes para o choque, mas cujo manejo em combate disperso exigia muita prática e perícia. Um manual inglês posterior às guerras napoleônicas afirmava que um lanceiro precisava dominar 55 exercícios diferentes com a lança: 22 contra cavalaria, 18 contra infantaria e 15 de ordem geral. Uma tropa de cavalaria armada de lança, desde que se mantivesse coesa, tendia a superar uma armada de sabre. Os regimentos poloneses de ulanos usavam lanças somente na primeira fileira; a segunda armava-se com sabres e clavinhas, para não haver risco de a segunda fileira ferir cavalos ou cavaleiros da primeira. Napoleão, impressionado com os ulanos poloneses, criou regimentos de lanceiros a partir de 1809, mas, por uniformidade, dotou ambas as fileiras de lanças, até perceber a vantagem do modelo polonês.

Além de sabres e lanças (os lanceiros também portavam sabres), pistolas completavam o armamento da maioria dos cavaleiros e os caçadores a cavalo e hussardos dispunham ainda de clavinhas.

No Brasil, conforme Gustavo Barroso,⁸ os primeiros regimentos de dragões surgiram na Colônia, a partir de 1737. Na época, as forças militares dividiam-se em 1ª e 2ª linhas; a 1ª era formada por tropas regulares, e a 2ª, pelas milícias (e pela Guarda Nacional a partir da Regência). Os corpos de cavalaria possuíam várias denominações e organizações. Em 1824, D. Pedro I reorganizou e homogeneizou a cavalaria de ambas as linhas: todos os regimentos da 1ª passaram a ser simplesmente regimentos de cavalaria, e os da 2ª, regimentos de cavalaria ligeira. Mais tarde, surgiram regimentos de dragões leves e, na Guerra do Paraguai, os caçadores a cavalo. Porém, não encontrei indícios para saber

se essas mudanças foram além da mera troca de nomes. No início da década de 1840, ainda segundo Gustavo Barroso, foram criados (ou transformados) os dois primeiros regimentos de lanceiros, que depois se popularizaram entre as tropas gaúchas.

Em razão do pequeno efetivo do Exército, a maior parte da cavalaria na Guerra do Paraguai foi formada por corpos provisórios da Guarda Nacional. No entanto, Richard Burton, um diplomata inglês que foi ao teatro da luta, afirmou que, com poucas exceções, a cavalaria se comportou extraordinariamente bem (o que não é pouca coisa, vindo de um inglês). Ele assistiu à revista de um corpo (unidade) com seis esquadrões completos e ficou bem impressionado. Mas afirmou que tanto os cavalos quanto os cavaleiros eram leves,

seriam eficientes em oposição a cossacos, mas usados contra cavalaria pesada se precipitariam, recuariam e se espatifariam como uma onda contra um rochedo.⁹

Gustavo Barroso não menciona a existência de cavalaria pesada no Exército Brasileiro, o que se devia provavelmente ao elevado custo ou à ausência de coudelarias que criassem tais cavalos.

Destacou-se a importância da coesão e da disciplina para o êxito de uma carga, mas, segundo testemunhos dos que participaram desses combates, o choque entre duas forças igualmente coesas e resolutas, de quaisquer armas que fossem, era infinitamente raro, pois uma ou outra sempre perdia o sangue-frio, se abalava e cedia antes do choque. Por isso, de Brack, ecoando todos os peritos no assunto, afirmava que três quartos do sucesso de uma carga dependiam do efeito moral. Ardant du Picq¹⁰ dividia a ação entre material e moral: “A ação *material* de uma tropa é seu poder de destruição; sua ação *moral* é o temor que inspira.” Em consequência, ele garantia que a impulsão física pouco representava, pois o que de fato importava era o sentimen-

to de impulsão moral do atacante. A força da cavalaria estava mais no terror do choque que no choque em si, particularmente entre duas tropas de cavalaria. Tal impulsão resultava da determinação que a massa compacta dos esquadrões transmitia (por isso a prática francesa de manter joelho com joelho, a fim de dificultar cavalos e cavaleiros de se desviarem nos últimos momentos). Ainda segundo Ardant du Picq,

diante da impulsão moral do assaltante, a tropa assaltada perturba-se, atira para o ar (ou mesmo não atira) e imediatamente se dispersa frente ao assaltante.

A coesão e o conjunto faziam a força da carga. O alinhamento perfeito era praticamente impossível no galope aberto, por essa razão, Ardant du Picq afirmava que só se deviam “afrouxar as rédeas” quando o efeito moral já se tivesse produzido, e este era finalizado mediante a projeção sobre o inimigo já abalado, em vias de virar as costas. “Assim carregavam os couraceiros: ao trote. Tal calma, tal aprumo faziam o inimigo dar meia-volta, e então se carregava em suas costas, e aí o galope” (isso ocorria certamente contra outra cavalaria, pois, contra infantaria a pé firme, o tempo de exposição aos tiros seria muito aumentado). No entanto, ele assegurava que,

de um modo geral, na carga, é necessário o galope, a andadura arrastadora, embriagadora, para homens e cavalos [...] Eis por que os regulamentos querem que a carga seja comandada de tão perto, e eles têm razão.

O advento do fuzil de longo alcance e das armas de tiro rápido deu fim ao primado das cargas nos campos de batalha. O exército francês possuía 63 regimentos de cavalaria no início da Guerra Franco-Prussiana. Um mês depois, restavam somente onze; todos os outros haviam sido destruídos em ações que não mais tinham possibilidade de êxito.¹¹ Todavia, ainda aconteceriam cargas bem-sucedidas nas guerras coloniais e mesmo em teatros secundários da 1ª Guerra Mundial,¹² conforme atesta esse relato de uma

carga realizada pelos britânicos contra os turcos na Palestina, em 1917:

[observando-os] a um quilômetro e meio de distância, seus mil cascos produziam enorme tropel em um ímpeto trepidante, de apavorar um homem, e a visão deles era assombrosa naquela galopada em meio à poeira avermelhada — joelho com joelho, cavalo com cavalo — e o sol poente reluzindo na ponta dos sabres-baionetas. Tiros de metralhadoras e de fuzis crepitaram, mas a 4ª Brigada galopava. Ouvimos gritos entre o som tonitruante dos cascos, vimos bolas de fogo no meio daqueles cascos — cavalos tombaram uns por cima dos outros, mas os compactos esquadrões se precipitavam como um furacão. (Soldado Ion Idriess, 5º Regimento de Cavalaria Ligeira¹³)

Porém, tudo que aqui se abordou sobre a carga refere-se aos exércitos regulares, organizados e disciplinados. As tropas irregulares de cavalaria, muito provavelmente, não se comportavam exatamente assim em combate. Os famosos cossacos eram irregulares, embora possuíssem uma organização militar própria, adequada a seu modo de lutar. Eram excepcionais cavaleiros, excepcionais também na esgrima de suas armas, sabres ou lanças, mas sua organização fluida (ou indisciplina tática) os inabilitava para o combate em ordem cerrada de uma batalha campal; sua função precípua era perseguir, acostrar, assolar. Talvez se possa dizer algo semelhante das milícias irregulares de cavalaria e de seus cavaleiros igualmente notáveis nas diversas revoluções que agitaram o Rio Grande do Sul, principalmente nas que ocorreram no início da República, quando a experiência das guerras no Prata e da Guerra do Paraguai já se dissipara. É possível que, nas escaramuças daqueles conflitos, as “tropas” de cavalaria reunidas pelos caudilhos gaúchos carregassem desorganizadamente, sem coesão, e que a lembrança dessas ações, mais características de bandos impetuosos que de verdadeiras tropas, tenha resultado no modo como encenamos as cargas atualmente. Também não se pode descartar a possibilidade de mesmo as unidades regulares

de cavalaria, em função do sabido baixo nível de profissionalismo vigente no final do século XIX, terem-se comportado da mesma maneira. Ambas as possibilidades, entretanto, desmerecem a imagem de um exército organizado e disciplinado. **REB**

-
- ¹ Disponível em: <books.google.com.au/books?id=IhFLAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r#v=onepage&q&f=false>.
 - ² Disponível em: <gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6255551n/f444.image> (texto); <books.google.com.au/books?id=IhFLAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r#v=onepage&q&f=false> (figuras).
 - ³ Disponível em: <archive.org/stream/instructionsand00conggoog#page/n10/mode/2up>.
 - ⁴ Fortuné de Brack, Antoine, *Avant-Postes de Cavalerie Légère, Souvenirs*. Há traduções atuais em inglês com o título *Cavalry Outpost Duties*. A versão original em francês está disponível em: <gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k86488d/f3.item>.
 - ⁵ Disponível em: <books.google.com.br/books?id=LKIWAAAACAAJ&pg=PR3&lpq=PR3&dq=Instruc%C3%A7%C3%B5es+provis%C3%B3rias+para+a+Cavallaria+de+Ordem&source=bl&ots=GOLFpxqSyP&sig=v_l9JzqhDafoIHFOkqWpH4tYucc&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKewia-YPs7OXeAhWJiZAKHc42BqwQ6AEwAHoECAkQAQ#v=onepage&q=Instruc%C3%A7%C3%B5es%20provis%C3%B3rias%20para%20a%20Cavallaria%20de%20Ordem&f=false>.
 - ⁶ A maior parte das informações a seguir foi retirada de *Cavalry Tactics and Combat During Napoleonic Wars*, disponível em: <napolun.com/mirror/napoleonistyka.atSPACE.com/cavalry_tactics.html>.
 - ⁷ Note-se que a média de altura na época era bem menor que a atual.
 - ⁸ *Uniformes do Exército Brasileiro* (obra comemorativa dos cem anos da Independência do Brasil), disponível em: <archive.org/stream/uniformesdoexerc00rodruft#page/22/mode/2up>.
 - ⁹ *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*, BIBLIEx, 1997, p. 280.
 - ¹⁰ *Estudos sobre o Combate*, BIBLIEx, 2000.
 - ¹¹ Goya, Michel, *A Invenção da Guerra Moderna*, Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2018.
 - ¹² A estória da carga de lanceiros poloneses contra tropas blindadas alemãs na II Guerra Mundial é mito.
 - ¹³ Citado por Peter Hart, *The Great War*, Londres: Profile Books, 2013.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.